



Um momento da ópera 'O Sonho', juntando Salomé e as suas duas aias, nas vozes de Carla Caramujo, Ângela Alves e Sara Braga Simões

Dar corpo a um sonho pessoano

Ópera 'O Sonho' de Pedro Amaral, com base num texto de Fernando Pessoa, tem estreia nacional hoje na Gulbenkian

NUNO GALOPIM

"Londres foi a estreia, e foi por isso um espaço simbólico. Mas venho com esta felicidade de ter conseguido dar à luz esta obra", diz satisfeito o compositor Pedro Amaral, já regressado a Portugal depois de um intenso fim-de-semana londrino que culminou, domingo dia 25 de Abril, com a estreia mundial da ópera *O Sonho* na sala do The Place, não muito longe da estação de St. Pancras. Hoje o sonho faz-se novamente realidade em Lisboa, em apresentação única, pelas 21.00, no Grande Auditório da Gulbenkian.

A obra é baseada no mito de Salomé, porém segundo a perspectiva de uma peça de teatro que Fernando Pessoa deixou incompleta. O texto, descobriu-o "através da edição da professora Teresa Rita Lopes", em concreto num "livrinho em edição bilingue, do encadeamento de uma série de peças de teatro, incompletas". Uma das peças era precisamente a que chamou à sua ópera.

Pedro Amaral quis contudo ir além do encadeamento do texto que esse livro apresentava. E partiu "à procura para ver o que o Pessoa tinha, de facto, deixado". Na Biblioteca Nacional encontrou um corpo de textos que descreve como "extremamente concentrado, por um lado, e rico". Localizou

duas fontes diferentes. "O Pessoa dactilografou uma sucessão de cenas que têm um encadeamento que se pode considerar lógico entre elas. São algumas páginas, não muitas", descreve. E depois há "uma série de manuscritos que nós sabemos, pelo texto, que se destinavam à *Salomé*, mas não sabemos onde se encaixavam". Muitos "estão incompletos e inclusivamente há alguns que são até contraditórios com o resto da história".

Iniciado em 2007, o trabalho foi longo e cuidado. E "até ao último dia da composição não tinha o libretto completamente fechado", revela. Frequentemente era-lhe pedido o libretto final, para preparar a publicação, mas não o entregou logo "porque não tinha a certeza se aquelas palavras seriam exactamente aquelas que ia usar".

A narrativa foi estruturada antes da música. De resto, "não há nenhuma ideia musical que não te-

nha nascido directamente do texto", confirma o compositor. E há uma razão clara para que assim seja: "Se a música nasce da dramaturgia, então a música veicula essa dramaturgia e está certa para aquela palavra. Se a música é prévia a isso, então na minha opinião não funciona", defende.

Ao dar um novo corpo a um texto incompleto de Fernando Pessoa, Pedro Amaral mais não faz que expressar uma antiga admira-

ção pelo poeta. "Conheci um poema do Fernando Pessoa muito cedo, teria uns 11 ou 12 anos. Era do Álvaro de Campos, a *Tabacaria*. E tanto o li que acabei por decorá-lo. Esse e outros... Foram poemas que me obcecaram tanto", recorda o compositor que, mais tarde, no liceu, fez recitais com a poesia de Pessoa. "É portanto um interesse que já vem de longe", sublinha. "Adorava teatro, mas sabia que não ia fazer carreira a esse nível. E



"Foi um trabalho vertiginoso de detalhe"

O COMPOSITOR Foi no domingo 25 de Abril, quando aceitava os aplausos de quem tinha acabado de assistir à estreia da ópera, que Pedro Amaral finalmente pôde suspirar tranquilo. Tinha nascido. E bem. "Podemos ter ideias brilhantes, mas nunca sabemos se as conseguimos corporificar numa obra. Ninguém sabe antes de o fazer", confessa ao DN. Este foi, descreve, "um trabalho vertiginoso de detalhe". Em concreto, "são dezenas de decisões por compasso, milhares ao longo da ópera". Pedro Amaral explica ainda que praticou "uma escrita com um detalhe vertiginoso que, porém, funciona ao nível global".

Compositor e maestro, nascido em Lisboa em 1972, Pedro Amaral é há muito um dos mais activos músicos europeus da nova geração. Estudou, entre outros, com Lopes Graça, Christopher Bochmann, Emmanuel Nunes, Emillio Pomarico e Peter Eötvös, este último presente, juntamente com o compositor George Benjamin, na estreia mundial de *O Sonho*, em Londres. "Tive a imensa felicidade de os encontrar lá", reconhece Pedro Amaral. Admirador de George Benjamin, descreve-o como "um compositor extraordinário. Foi dos últimos alunos e o mais novo do Olivier Messiaen. E transformou-se num dos compo-

'DIXIT'

"Para um francês seria inconcebível ter um poeta como o Pessoa e não o considerar (e fazer considerar aos outros países) uma das manifestações máximas da sua cultura"

"Pratiquei uma escrita com um detalhe vertiginoso que, porém, funciona ao nível global"

"A minha felicidade foi a de compor a ópera. Acho que atingi um nível que não sabia que podia atingir e estou extremamente feliz"

PEDRO AMARAL
COMPOSITOR

MARCIA LESSA

A ÓPERA

Visão pessoal de um texto de Pessoa

Com base num texto dramático de Fernando Pessoa, *O Sonho* é uma ópera composta pelo português Pedro Amaral e tem encenação de Fernanda Lapa. Ao todo a ópera junta em cena seis vozes e um actor: Carla Caramujo (Salomé), Ângela Alves (1.ª aia), Sara Braga Simões (2.ª aia), Jorge Vaz de Carvalho (Herodes e, no prólogo, Fernando Pessoa), Mário Redondo (Capitão), Armando Possante (servo) e Otelio Lapa (actor). Margarida Moreira assina o desenho de luz e Mário Pereira a caracterização. Tal como em Londres, o próprio Pedro Amaral dirigirá a London Sinfonietta. A ópera é apresentada no Grande Auditório da Gulbenkian pelas 21.00.

agora, só depois de composta a ópera, vi que o meu trabalho como compositor me permitiu reunir essas duas paixões: a música por um lado e o teatro baseado no Pessoa", remata.

Em Londres, num encontro com o público que antecedeu a estreia de *O Sonho*, fez questão de partilhar com os presentes (sobretudo ingleses) a sua admiração por Pessoa, explicando-a de uma forma simples e clara. Ao DN voltou a deixar clara essa antiga paixão: "Pessoa é completamente incontornável para nós. Fico surpreendido porque acho que em Portugal não se tem a noção da dimensão que o Pessoa tem. Isto apesar de todas as homenagens. Para um

sitores mais importantes no panorama internacional no final do século XX e é também um excelente maestro", acrescenta. Do encontro com o velho "mestre" Peter Eötvös diz ter sido "um momento extraordinário".

Tal como Eötvös, Pedro Amaral trabalhou com Karlheinz Stockhausen. O português assinou uma tese sobre *Gruppen* e uma outra sobre *Momento*, ambas de Stockhausen que, depois de as ler, comentou ao *Le Monde de la Musique*: "trata-se de uma obra excelente com a qual aprendi imensas coisas".

Hoje Pedro Amaral desenvolve, além da composição, importante trabalho como maestro e também como musicólogo. Em 2007 a Gulbenkian editou um primeiro disco com peças de sua autoria.

francês seria inconcebível ter um poeta como o Pessoa e não o considerar (e fazer considerar aos outros países) uma das manifestações máximas da sua cultura." Reforça ainda mais a relação das várias artes com Pessoa afirmando que é "impossível para um artista português não ver este precedente colossal que está antes de nós". Sabe contudo que não é o primeiro a fazê-lo. E lembra que "um dos melhores romances de Saramago é sobre o Pessoa".

A relação da música de Pedro Amaral com a obra de Pessoa não termina aqui. E, mal chegara de Londres, o compositor deu por si a trabalhar... "Quando cheguei a Lisboa abri um pedaço do *Fausto* do Fernando Pessoa, para ver uma das cenas", revela, avançando que algum do trabalho que se segue passa por ali. Mas adverte: "Não tenho ainda uma ideia completa do encadeamento do libreto, longe disso!" Pedro Amaral sabe que um dos aspectos da ópera *O Sonho* "é o facto de ter pouca acção cénica". A acção, como o próprio descreve, "é reduzida". Mas isso não o incomoda. "Tratando-se de um sonho justifica-se haver pouca acção. Mas por outro lado também eu próprio tenho necessidade de mais acção noutros pontos da ópera. O que imagino é fazer um primeiro e terceiro actos com cenas teatralmente muito marcadas e esta ópera, talvez um pouco reduzida nas suas dimensões, constituiria o segundo acto no qual Pessoa e os heterónimos iriam assistir a uma peça de teatro: este sonho." Sabe que tem uns anos de trabalho pela frente. Mas hoje é dia de estrear *O Sonho*.